

Refrigério

ISSN 2182-617X ANO 33
Número 175 - JAN/MAR 2020

15

**Evangelismo
Intercultural**

17

**Encontro
Nacional
de Irmãos**

20

**Em memória
de José Carlos
Oliveira**

Família e Sociedade

Família Ameaçada

Editorial

Temos assistido nos últimos anos a um ataque cerrado da parte dos chamados “activistas” sociais à instituição que conhecemos como família. Muitos destes afirmam de forma deliberada e intencional que o objectivo da sua agenda política e social é a destruição da família. De facto, verificamos que em muitos países da sociedade ocidental, os governos têm tomado iniciativas legislativas nesse mesmo sentido. O aborto, a eutanásia, os casamentos homossexuais e a adopção por casais homossexuais, deram agora lugar à “ideologia de género” que tem invadido as escolas públicas, expondo crianças e jovens a uma doutrinação secular, perversa e inadequada sem precedentes, que irá, sem dúvida alguma, ter consequências danosas no futuro. É nestas ocasiões que o povo do Senhor necessita cerrar fileiras e contrapor a todo esse plano a verdade bíblica. A verdade bíblica acerca da família tem sido ao longo dos séculos o “fiel da balança” no equilíbrio e funcionamento da sociedade.

Deus é o inventor da família! A família conforme Deus estabeleceu é a célula fundamental para uma sociedade harmoniosa. O padrão divino extruturou-a com um pai (masculino), uma mãe (feminina) e filho(a) ou filhos(as). Cada elemento tem o seu papel e é na passagem da educação, dos valores e dos relacionamentos adequados (responsabilidade primária dos pais), que os filhos desenvolvem nos primeiros anos de vida, as competências e aptidões físicas, cívicas, morais e espirituais para viverem saudavelmente em sociedade a poderem passar, por sua vez, esses mesmos conceitos e práticas às gerações que se lhes seguirem.

O mundo e o nosso inimigo têm procurado intrometer-se no plano divino para a família. Infelizmente, têm ganho terreno dia-após-dia nessa luta. A Igreja de Cristo tem diante de si uma batalha decisiva na defesa da família conforme Deus a planeou! Apresentemo-nos prontos para este combate, sem vergonha ou receio!

Uma palavra de homenagem ao servo de Deus que partiu para a glória no dia 3 de Novembro de 2019. José Carlos Oliveira foi um dos fundadores desta revista e fiel colaborador durante todos estes anos. O Senhor recebeu-o na casa que lhe preparou certamente com um “Bem está, servo bom e fiel!”. Nós, os que o conhecemos e fomos abençoados pelo seu serviço, dizemos “Até breve!”.

Duarte Casmarrinha

Índice

- 03** Ideologia de género, não!
- 05** O que é a ideologia de género?
- 07** Declaração de Nashville
- 09** Aborto
- 11** Violência doméstica... no Lar Cristão
- 13** As raízes do Movimento dos Irmãos
- 15** Evangelismo Intercultural
- 17** Encontro Nacional de Irmãos
- 18** Congresso Nacional de Jovens
- 19** Acampamentos - Quintas do Norte
- 20** Em memória - José Carlos Oliveira
- 23** Fé e boa consciência

Ficha técnica

Ano 33 Número 175 JAN/MAR 2020 ISSN2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Equipa Editorial: João Poças, Joel Costa, Joel Resende, Daniela Mateus, Priscila Lopo e João Silva | Design Gráfico e Paginação: João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: C.C. Primavera - Av. Calouste Gulbenkian, Lote 7 - Loja 26 - 3000-092 Coimbra - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.net | Impressão SIG: Sociedade Industrial Gráfica, Lda | Depósito legal: 21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: 2000 exemplares | Preço de cada exemplar: 2€ | Sustentado através de ofertas voluntárias.

Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Jorge Oliveira | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta

Dossier Família e Sociedade

Ideologia de género, não!

A década de 1970 trouxe a revolução sexual, a "libertação" da mulher e a dissociação do significado unitivo do matrimónio. A mulher, agora emancipada do marido, passou a ser escrava do mercado de trabalho e a fugir ao apelo biológico da maternidade. Em simultâneo, surge a necessidade de retirar à criança a noção de autoridade dos pais, substituindo-a pela autodeterminação indiscriminada, numa sociedade obediente apenas à autoridade do Estado.

Nesse contexto, o conceito de "género" surge institucionalmente na Conferência de Pequim de 1995 organizada pela ONU – a IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Acção para a Igualdade, Desenvolvimento e Paz –, que visava alcançar um conjunto de resoluções para defender os direitos da mulher e a igualdade.

Assim, a par da bandeira do combate à discriminação, sob pretexto de uma maior elegância da linguagem, a palavra "sexo" passou a ser progressivamente substituída por "género". Ao estilo da novilíngua orwelliana, sexo deixou de significar a distinção biológica entre masculino e feminino, sendo substituído por dezenas de géneros à la carte, que vão desde o não-binário a genderfluid (género variável). Assim se iniciou a implementação da agenda da ideologia de género, advogando que a identidade sexual do indivíduo resulta da cultura e não da biologia e que, no fundo, todos os seres humanos nascem iguais, podendo cada um ser o que pretender.

Enquanto ideologia, esta não é mais do que um erro a propalar, que derruba os princípios

naturais e instituídos, longe de toda e qualquer fundamentação científica. Mas, tratando-se de um erro que vai contra os princípios, como pode vingar uma ideologia? Antes de mais, é necessário alguém interessado no erro; segue-se a necessidade da sua propagação e a existência de um público-alvo treinado para não pensar e o aceitar.

Definido o erro, identificam-se os interessados. São eles as instituições nacionais e internacionais que procuram conquistar a hegemonia cultural e política. Baseando-se no princípio marxista da concentração de poder absoluto dos direitos dos cidadãos, com suposto benefício colectivo (incluindo a manutenção da Paz mundial), estas aprofundam o controlo da liberdade religiosa, de pensamento e de comunicação. Prevalece a socialização secundária, focada na interacção do indivíduo com a sociedade (incluindo escola, grupo de amigos, trabalho), e onde assume diferentes papéis para corresponder às expectativas dos outros. Neste processo, as pessoas são descartáveis e substituíveis, em contraste com a socialização primária, característica da Família, no seio da qual se aprendem os valores, a moral e os modelos comportamentais, onde as relações são baseadas no amor e nos vínculos, onde o indivíduo é insubstituível. Naturalmente que há um grande interessado na secundarização da sociedade e na destruição da Família: o sistema financeiro.

Apresentada deste modo, essa imposição seria, desde logo, rejeitada pela sociedade ocidental, fundada na ética judaico-cristã, na filosofia grega



Joana Bento Rodrigues

Médica, colaboradora do
jornal Observador



e no direito romano. Mas não se assiste a essa resistência por dois motivos. Primeiro, porque, numa perspectiva gramsciana, o erro é implementado paulatinamente e propagado pelo sistema educacional e meios de comunicação social. Depois, sentindo (aparentemente) garantidas a sua segurança e comodidade, os cidadãos não vêem a ditadura de pensamento como uma ameaça.

Em acréscimo, é imperativo que o erro seja transmitido desde tenra idade, antes da formação da concepção do certo e do errado. Logo no ensino pré-escolar é implementada a ideia de que a moralidade surge do próprio para o próprio, segundo as suas regras pessoais, distanciando-o dos valores cristãos, que estabeleceriam os limites na conduta, nas leis e na política. Dessa forma, o indivíduo ficará facilmente permeável a novas ideias, incluindo aquelas propulsoras dessa hegemonia, que anulam o próprio e a sua individualidade. Em suma, a ideologia de género é isso: uma forma de anular o certo e o errado, fugindo às leis naturais e transmitindo a ideia de que tudo surge do pensamento, da vontade e do sentir. E haverá melhor forma de instalar essa ambiguidade do que a destruição da identidade do indivíduo, levando-o a aceitar os juízos dos que o rodeiam e instruíram, incluindo as escolas?

É por isso que, actualmente, cada vez menos se valorizam os conteúdos a difundir nas instituições de ensino, que passaram a ser um espaço de doutrinação, pela disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, onde subliminarmente estão a ser incluídos os princípios da Ideologia de Género, com vista à “educação das massas”. E os pais, mais focados nas preocupações económicas, não se apercebem destas movimentações ou simplesmente se demitem da responsabilidade de educar os filhos, delegando na escola esse papel.

Nesse percurso, algo mais grave acontece: os filhos passam a ser da responsabilidade do Estado e não dos pais. Embora muito pouco noticiado, já não faltam episódios a denunciarem-no: pais condenados a prisão na Alemanha, por impedirem os filhos de assistir às aulas de educação sexual nas escolas (2009); na Noruega, os filhos foram retirados aos pais por serem “muito cristãos” (2016); mais recentemente, um pai cristão russo e residente na Suécia pediu asilo para sua família à Polónia, após o Estado sueco entregar as suas filhas a uma família muçulmana libanesa (2019); uma mãe espanhola foi condenada a trabalho comunitário por esbofetear o filho que não queria tomar duche (2019); e tantos outros exemplos.

Desta forma, começa a instalar-se o receio dos pais educarem os filhos segundo os preceitos e os costumes familiares da sociedade ocidental. Não será esta uma forma de marxismo implementado pelo medo que muitos teimam em rejeitar ou relativizar?

Não é por acaso que há quem se sinta fortemente ameaçado por conteúdos leccionados nas escolas, ativismos infiltrados nas instituições públicas, marcas de roupa e séries televisivas com mensagens subliminares e tantas outras formas de propaganda. Para os mais distraídos, menos informados e mesmo já manipulados, tal não é mais do que “teoria da conspiração”, fundamentalismo e intolerância. Infelizmente não é.

Outros, mais alerta, apercebem-se desta realidade e surgem grupos* cada vez mais organizados e políticos que ousam fazer-se ouvir, fugindo do medo e do politicamente correcto. O travão a este caminho ideológico só é possível com a participação cívica de todos os pais que procuram uma sociedade melhor para os seus filhos e que acreditam no valor inestimável das raízes judaico-cristãs do mundo ocidental.



Dossier Família e Sociedade

O que é a ideologia de género?



Maria Helena Costa

Escritora e conferencista.
Membro da 3ª Igreja Batista
do Porto

A pesar dos ideólogos do género afirmarem que tal ideologia tem base científica, a Associação de Pediatras dos Estados Unidos declarou, através de seu site na Internet, que “a ideologia de género é nociva às crianças” e que “todos nascemos com um sexo biológico”, sendo os factos, e não uma ideologia, que determinam a realidade.

A declaração da American College of Pediatricians expõe 8 razões para os “educadores e legisladores rejeitarem todas as políticas que condicionem as crianças a aceitarem” a teoria de género e a aceitarem como normal uma vida de personificação química e cirúrgica do sexo oposto. A iniciativa dos médicos soma-se a inúmeras outras, provindas das mais diversas áreas de informação. Em 2010, por exemplo, um importante documentário conseguiu desmontar, pelo menos em parte, a estrutura universitária que financiava essa ideologia na Noruega. O programa trouxe o parecer de vários especialistas, dos mais diversos campos científicos, que expuseram a farsa da teoria de género. Agora, a medicina confirma, mais uma vez, a biologia e a ciência:

1. A sexualidade humana é um traço biológico binário objectivo: “XY” e “XX” são marcadores genéticos de saúde, não de um distúrbio. A

norma para o design humano é ser concebido ou como macho ou como fêmea. A sexualidade humana é binária por design, com o óbvio propósito da reprodução e florescimento da nossa espécie. Esse princípio é autoevidente. Os transtornos, extremamente raros, de diferenciação sexual (DDSS) – inclusive, mas não apenas, a feminização testicular e hiperplasia adrenal congénita – são todos desvios medicamente identificáveis da norma binária sexual, e são justamente reconhecidos como distúrbios do design humano. Indivíduos com DDSS não constituem um terceiro sexo.

2. Ninguém nasce com um género. Todos nascem com um sexo biológico. Género (uma consciência e percepção de si mesmo como homem ou mulher) é um conceito sociológico e psicológico, não um conceito biológico objectivo. Ninguém nasce com uma consciência de si mesmo como masculino ou feminino; essa consciência desenvolve-se ao longo do tempo e, como todos os processos de desenvolvimento, pode ser destruída por percepções subjetivas, relacionamentos e experiências adversas da criança, desde a infância. Pessoas que se identificam como “sentindo-se do sexo oposto” ou “em algum lugar entre os dois sexos” não são um terceiro sexo. Elas permanecem homens biológicos ou



mulheres biológicas.

3. A crença de uma pessoa, que ele ou ela é algo que não é, trata-se, na melhor das hipóteses, de um sinal de pensamento confuso. Quando um menino biologicamente saudável acredita que é uma menina, ou uma menina biologicamente saudável acredita que é um menino, um problema psicológico objectivo existe, que está na mente, não no corpo, e deve ser tratado como tal. Essas crianças sofrem de disforia de género (DG). Disforia de género, anteriormente chamada de transtorno de identidade de género (TIG), é um transtorno mental reconhecido pela mais recente edição do Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-V). As teorias psicodinâmicas e sociais de DG/TIG nunca foram refutadas.

4. A puberdade não é uma doença e hormonas que a bloqueiam podem ser perigosas. Reversíveis ou não, hormonas que bloqueiam a puberdade induzem a um estado doentio – a ausência de puberdade – e inibem o crescimento e a fertilidade em uma criança até então biologicamente saudável.

5. De acordo com o DSM-V, cerca de 98% de meninos e 88% de meninas confusas com o próprio sexo aceitam o seu sexo biológico depois de passarem naturalmente pela puberdade.

6. Crianças que usam bloqueadores da puberdade para personificar o sexo oposto vão requerer hormonas do outro sexo no fim da

adolescência. Essa hormonas (testosterona e estrogénio) estão associadas com riscos à saúde, inclusive, mas não apenas, aumento da pressão arterial, formação de coágulos sanguíneos, acidente vascular cerebral e cancro.

7. Taxas de suicídio são vinte vezes maiores entre adultos que usam hormonas do sexo oposto e se submetem à cirurgia de mudança de sexo, mesmo na Suécia, que está entre os países mais afirmativos em relação aos LGBTQIA. Que pessoa compassiva e razoável seria capaz de condenar jovens crianças a este destino, sabendo que após a puberdade cerca de 88% das meninas e 98% dos meninos vão acabar por aceitar a realidade e usufruir de boa saúde física e mental?

8. Condicionar crianças a acreditar que uma vida inteira de personificação química e cirúrgica do sexo oposto é normal e saudável, é abuso infantil. Endossar a discordância de género como normal através da rede pública de educação e de políticas legais irá confundir as crianças e os pais, levando mais crianças a serem apresentadas às “clínicas de género”, onde lhes serão dados medicamentos bloqueadores da puberdade. Isso, por sua vez, praticamente garante que eles vão “escolher” uma vida inteira de hormonas cancerígenas e tóxicas do sexo oposto, além de levar em conta a possibilidade da mutilação cirúrgica desnecessária de partes saudáveis do seu corpo quando forem jovens adultos.

Dossier
Família
e Sociedade

Declaração de Nashville

Declaração publicada pelo Conselho sobre a Masculinidade e Feminilidade Bíblica no dia 29 de Agosto de 2017 na cidade de Nashville, EUA.

Artigo I

NÓS AFIRMAMOS que Deus designou o casamento para ser uma união pactual, sexual, procriativa, vitalícia entre um homem e uma mulher, representando a união entre Cristo e a sua noiva, a igreja.

NÓS NEGAMOS que Deus designou o casamento para ser uma relação homossexual, poligâmica ou poliamorosa. Nós também negamos que o casamento seja um mero contrato humano, e não um pacto feito diante de Deus.

Artigo II

NÓS AFIRMAMOS que a vontade de Deus revelada para todas as pessoas é a castidade fora do casamento e a fidelidade dentro do casamento.

NÓS NEGAMOS que qualquer afeição, desejo ou compromisso justifiquem o ato sexual, seja antes ou fora do casamento ou que justifiquem qualquer forma de imoralidade sexual.

Artigo III

NÓS AFIRMAMOS que Deus criou Adão e Eva, os primeiros seres humanos, à sua imagem, iguais perante Deus como pessoas e distintos como masculino e feminino.

NÓS NEGAMOS que as diferenças ordenadas divinamente entre homem e mulher façam com que os mesmos sejam desiguais em dignidade e valor.

Artigo IV

NÓS AFIRMAMOS que as diferenças ordenadas divinamente entre homem e

mulher refletem o projeto da criação original de Deus e foram feitas para o bem e para a prosperidade do ser humano.

NÓS NEGAMOS que essas diferenças sejam o resultado da Queda ou uma tragédia que deva ser superada.

Artigo V

NÓS AFIRMAMOS que as diferenças entre as estruturas reprodutivas do homem e da mulher são integrantes do projeto de Deus para a auto concepção como masculino ou feminino.

NÓS NEGAMOS que anomalias físicas ou condições psicológicas anulam a ligação designada por Deus entre o sexo biológico e a auto concepção como masculino ou feminino.

Artigo VI

NÓS AFIRMAMOS que aqueles nascidos com uma deficiência física ao nível sexual são criados à imagem de Deus e têm tanta dignidade e valor como todos os outros portadores da imagem divina. Eles são reconhecidos pelo Nosso Senhor Jesus em suas próprias palavras quando se referiu aos “eunucos que assim nasceram do ventre da mãe”. Juntamente com outros, eles são bem-vindos como seguidores da fé em Jesus Cristo e deveriam aceitar o seu sexo biológico até ao ponto que o mesmo seja conhecido.

NÓS NEGAMOS que ambiguidades relacionadas com o sexo biológico de uma pessoa a torne incapaz de viver uma vida fértil em obediência alegre a Cristo.

Artigo VII

NÓS AFIRMAMOS que a auto concepção de masculino e feminino deve ser definida pelos propósitos sagrados de Deus na criação



e redenção, como revelado pelas Escrituras.

NÓS NEGAMOS que adotar uma auto concepção homossexual ou transgênero faça parte dos propósitos sagrados de Deus na criação e redenção.

Artigo VIII

NÓS AFIRMAMOS que as pessoas que possuem atração sexual pelo mesmo sexo podem viver uma vida rica e próspera, agradando a Deus através da fé em Jesus Cristo, enquanto eles, assim como todo cristão, caminham em pureza da vida.

NÓS NEGAMOS que a atração pelo mesmo sexo seja parte da bondade natural da criação original de Deus, ou que isso ponha alguém fora da esperança do Evangelho.

Artigo IX

NÓS AFIRMAMOS que o pecado distorce os desejos sexuais por direcioná-los para longe do pacto matrimonial e por aproximá-los da imoralidade sexual – uma distorção que inclui tanto a imoralidade heterossexual como a homossexual.

NÓS NEGAMOS que um padrão persistente de imoralidade sexual justifique o comportamento sexualmente imoral.

Artigo X

NÓS AFIRMAMOS que é pecaminoso aprovar a imoralidade homossexual ou transgenerismo e que tal aprovação constitui um desvio essencial da fé e do testemunho de Jesus Cristo.

NÓS NEGAMOS que a aprovação de imoralidade homossexual ou o transgenerismo seja uma questão de indiferença moral; pelo contrário é uma questão sobre a qual cristãos fiéis devem concordar ou discordar.

Artigo XI

NÓS AFIRMAMOS a nossa obrigação de sempre falar a verdade em amor, incluindo quando falamos com ou sobre outra pessoa enquanto masculino ou feminino.

NÓS NEGAMOS qualquer obrigação de falar em desonra ao projeto de Deus nos portadores da Sua imagem como masculino e feminino.

Artigo XII

NÓS AFIRMAMOS que a graça de Deus em Cristo fornece tanto perdão misericordioso como poder transformador, e que este perdão e poder permitem ao seguidor de Jesus aniquilar desejos pecaminosos e caminhar de uma forma digna do Senhor.

NÓS NEGAMOS que a graça de Deus em Cristo seja insuficiente para perdoar qualquer pecado sexual e para dar poder de santidade a qualquer crente que se sinta mergulhado no pecado sexual.

Artigo XIII

NÓS AFIRMAMOS que a graça de Deus em Cristo permite que pecadores abandonem auto concepções de transgeneridade e, através da paciência divina, aceitar a ligação designada por Deus entre o sexo biológico e a auto concepção de alguém como masculino ou feminino.

NÓS NEGAMOS que a graça de Deus em Cristo sancione a auto concepções que são estranhas à vontade de Deus revelada.

Artigo XIV

NÓS AFIRMAMOS que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores e que através da morte e ressurreição de Cristo, o perdão e a vida eterna estão disponíveis para qualquer pessoa que se arrependa dos seus pecados e confie em Cristo como seu único Salvador, Senhor e tesouro supremo.

NÓS NEGAMOS que o braço do Senhor seja curto demais para salvar ou que qualquer pecador esteja além do seu alcance.

Referências das Escrituras

Gen. 1:26-28; 2:15-25; 3:1-24; Êx. 20:14; 20:17; Lev. 18:22; 20:13; Deut. 5:18, 21; 22:5; Juizes. 19:22; 2 Sam.11:1-12:15; Job 31:1; Sal. 51:1-19; Prov. 5:1-23; 6:20-35; 7:1-27; Isa. 59:1; Mal. 2:14; Mat. 5:27-30; 19:4-6, 8-9, 12; Actos 15:20, 29; Rom. 1:26-27; 1:32; 1 Cor. 6:9-11, 18-20; 7:1-7; 2 Cor. 5:17; Gál. 5:24; Efés. 4:15, 20-24; 5:31-32; Col. 3:5; 1 Tess. 4:3-8; 1 Tim. 1:9-10, 15; 2 Tim. 2:22; Tito 2:11-12; Heb. 13:4; Tiago 1:14-15; 1 Ped. 2:11; Judas 7

Os Teus olhos me viram a substância ainda informe, e no Teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem ainda um deles havia.

Salmo 139:16

Dossier Família e Sociedade

Aborto



Palmeiro Barros

Médico, Pastor do Centro Bíblico da Feira

Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das Suas mãos

Salmo 19:1

pela observação da criação “macro” nós vemos a mão de Deus e, como Albert Einstein disse, “Deus não podia ter criado o mundo de outra forma. Tinha que ser assim, ou não haveria mundo.”

Na criação não há lugar para o acaso, a sorte, a coincidência... Há a mão invisível, mas sentida, de Deus.

Ao estudarmos o aparelho genital feminino e masculino, a sua complementaridade, complexidade e propósito, também poderemos dizer que “não podia ser de outra forma” e, por detrás de todas estas “coincidências” está também a mão de um Deus Todo-Poderoso, inteligente e sábio!

1. Fecundação – breve exposição

Numa ejaculação, cujo volume oscila entre os 5 e 15 ml de esperma, podem estar contidos entre 15 e 300 milhões de espermatozoides.

No ato sexual inicia-se uma corrida em que estes espermatozoides correm numa velocidade entre 40 e 70 km/h em busca de um óvulo disponível, que se tenha desprendido do ovário da mulher e que se encontre numa das trompas de Falópio. (Ver o filme “Fecundação em 3D”, disponível na Internet).

Neste caso, o espermatozoide mais veloz e com a cabeça “pontaguda” penetra no óvulo e inicia-se o processo da fecundação, que pode durar 24h. Desta junção forma-se o zigoto. Se o cromossoma do espermatozoide do homem for o X formar-se-á um zigoto feminino (menina), se for Y teremos um zigoto masculino (menino). O zigoto começa depois a sua viagem rumo à parede uterina, onde se vai implantar ao

fim de mais ou menos 14 dias e desenvolver-se no útero até ao nascimento, se a gravidez, entretanto, não for interrompida por qualquer razão. Nesta viagem, o embrião pode-se dividir em dois, três, quatro ou mais embriões que, ao fixarem-se na parede uterina dão origem a gémeos, trigémeos...

Convém realçar que cerca de 50% destes zigotos (embriões) não chegam a implantar-se no útero e se “perdem”.

2. Quando começa a vida humana

Este facto é aproveitado por algumas escolas de pensamento minoritárias (“visão embrionária”), entre os cristãos, tanto católicos como protestantes, para defenderem e crerem que a vida humana só começa a partir desta implantação no útero. Até isto acontecer temos um organismo vivo. Com a implantação temos uma vida humana com ligação ao útero materno e alimentado através da mesma.

Esta teoria tem implicações muito vastas, nomeadamente no uso da pílula do dia seguinte que, assim, não poderia ser considerada abortiva, como também o uso de DIU (Dispositivo Intra-Uterino) não seria abortivo porque tem como função impedir que o embrião se fixe na parede uterina. Teria também uma grande importância na problemática no uso das células estaminais.

A maioria dos cristãos, porém, segue a teoria (“visão genética”) e crê que a vida começa a partir do momento da fecundação do óvulo pelo espermatozoide. Até porque, a partir deste momento, o embrião tem identidade genética própria, com todas as informações disponíveis,



tais como: cor dos olhos e do cabelo, capacidade visual, auditiva, etc. Ou seja, as características individuais de cada um.

Convém salientar que esta carga genética é diferente da da mãe. Se, porventura, a mãe tiver um tumor, este tem a mesma carga genética da mãe. Mas este embrião é uma individualidade, com características genéticas próprias e diferentes da mãe.

3. A Legislação Portuguesa (simplificada)

a) Referendos: em 1998 foi realizado o 1º referendo nacional. Foi feita a seguinte pergunta: “Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, se realizada, por opção da mulher, nas 10 primeiras semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado?” Votaram 2.709.503 pessoas. O “Não” (grupo Pró-Vida) ganhou com uma percentagem de 50.91%; o “Sim” (grupo Pró-Escolha ou Liberal) perdeu com uma percentagem de 49.09%.

b) Em 2007 foi feito um novo referendo com a mesma pergunta. Votaram 5.786.586 pessoas. O “Sim” teve uma votação de 59.25%; o “Não” perdeu com 40.75%. E o aborto, até à 10ª semana, foi legalizado em Portugal, em que a mulher, independentemente dos motivos, até à 10ª semana, calculada a partir da última menstruação, em qualquer estabelecimento autorizado, pode pedir a realização do aborto. Este prazo prolonga-se até às 12 semanas caso seja provada a possibilidade de haver uma lesão grave e duradoura para a mulher, tanto física como psíquica; até às 16 semanas em caso de violação ou crime sexual; até às 24 semanas em caso de malformação do feto; em qualquer momento da gravidez, em caso de perigo de morte para a grávida ou de grave e irreversível lesão para o corpo ou para a saúde físico-psíquica da mulher, e ainda no caso dos fetos inviáveis.

4. Como se faz o aborto

As três modalidades mais frequentemente usadas:

- 1) Extração do embrião e destruição do mesmo;
- 2) Injeção salina no saco gestacional, provocando a morte do embrião;
- 3) Sucção (aspiração). Em relação a esta última modalidade, é muito impactante ver o filme, ou parte do filme, “O Grito Silencioso”, disponível na Internet.

5. De embrião para feto

Às 9 semanas o embrião passa a denominar-se feto. Neste feto podem observar-se braços, pernas, olhos, nariz, boca, o esqueleto começa a ossificar e as articulações dos joelhos e dos cotovelos já estão formadas, pelo que já consegue dobrar os membros.

O coração bate. O cordão umbilical do feto começa a formar-se e a transportar o sangue da placenta. Se for menina, começa o desenvolvimento dos ovários; se for menino começa o desenvolvimento dos testículos.

Nota Importante: O aborto é legal até à 10ª semana e, em certos casos, mais tarde, conforme já foi mencionado! Temos uma estatística oficial que diz que em 2018 foram realizados 18.000 abortos em Portugal e, por exemplo, em 2016 foram feitos 16.000...

P.S.

Este artigo não reflete *ipsis verbis* o exposto na conferência por duas razões: 1ª) Não é possível apresentar e comentar *in loco* os vídeos que foram exibidos na conferência; 2ª) Neste artigo escrito fiz uma abordagem mais detalhada da “visão embrionária”, que contém pontos de vista que não deixam de pedir alguma reflexão da nossa parte.

Dossier Família e Sociedade

Violência doméstica... no Lar Cristão

Vivemos num período da história da humanidade em que a violência impera em todas as esferas da sociedade, nos meios de comunicação, na educação, política, no desporto, na religião e infelizmente também em muitas famílias, sendo que muitas delas se dizem cristãs. Falando em linguagem teológica, a raiz de toda a espécie de violência tem por nome: pecado. Quem conhece a Bíblia, sabe que infelizmente o aumento da violência continuará a ser uma realidade, mas nós, como cristãos, temos princípios dos quais não devemos abrir mão e é acerca disso nós lemos em: Mateus 22:37-39 “Asseverou-lhe Jesus: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua inteligência. Este é o primeiro e maior dos mandamentos. O segundo, semelhante a este, é: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo.’ (1) Amar a Deus de todo o meu coração (2) amar o meu próximo como a mim mesmo, estes princípios devem nos levar a trabalhar no sentido da violência nunca atingir os nossos lares, pois é no nosso lar que está quem nos é mais próximo.

Paulo escreve a Timóteo, na primeira carta e diz:

“Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, principalmente dos da sua própria família, essa pessoa negou a fé e é pior que os descrentes.” 1 Tm. 5:8

O que Paulo diz aqui, é que nós precisamos nos empenhar em cuidar da nossa família, pois se não o fizermos a nossa fé não é verdadeira e com toda essa negligência passamos a ter uma postura muito pior que os descrentes, porque o nosso conhecimento é maior, logo a responsabilidade também cresce, como em todas as áreas da sociedade, na família nós temos direitos, mas também temos deveres e como cristãos esses deveres ainda são maiores. Como tem sido a nossa conduta no nosso lar?

A violência no lar cristão só começa, quando os princípios de Deus acabam, por isso precisamos de escutar a Palavra, ler, mas nunca nos esquecermos que conhecimento sem prática não produz efeito nos nossos lares.

Existem pelo menos três tipos de violência doméstica que na verdade são agressões, são elas: verbais, psicológicas e físicas.

Agressão verbal: Tem pessoas que dizem eu não bato na esposa, no marido e nos filhos, há pessoas que não têm noção do que é na realidade agressão verbal e dos danos que pode causar, a curto, médio e longo prazo, pois este tipo de agressão consegue ser tão destrutiva como agressão física.

Exemplo: “Estás gorda”, “não prestas”, “estás velha”, “nunca fazes nada de jeito”, “só fazes asneiras”, “nunca vais dar nada na vida”, etc... As palavras podem não deixar marcas por fora, mas deixam marcas profundas por dentro, ao ponto de abrirem brechas na mente da vítima, através das quais o inimigo das nossas almas ataca com tantos dardos inflamados a ponto de destruir a autoestima daquela pessoa.

O sábio Salomão inspirado pelo Espírito Santo, escreveu: “A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto.” (Pv. 18:21) Um falar sábio e prudente, produz vida, traz alegria e gera paz tanto para quem fala como para quem recebe essas mesmas palavras.

Um elogio em público na medida certa e uma correção em privado feita com amor normalmente são sempre construtivos. Um falar impensado pode destruir para sempre uma pessoa.

A má comunicação ou a ausência de comunicação são como que uma rampa de lançamento para o início da violência no lar, o que muitas das vezes origina a total destruição da família. Devemos falar bem e falar tudo!

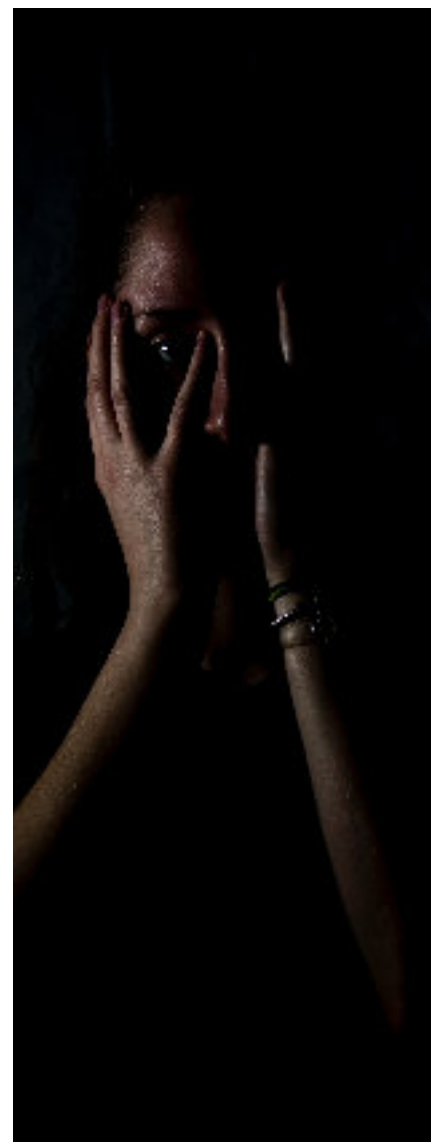
“Não digam palavras que possam fazer mal aos outros, mas usem apenas palavras boas, que ajudem os outros a crescer na fé e a conseguir o que necessitam, para que as coisas que vocês dizem façam bem aos que vos ouvem.” Ef. 4:29 NTLH

Agressão psicológica ou emocional: Agressão psicológica ou emocional está muito ligada à verbal: Esta agressão entra mais pelo caminho da ameaça e manipulação, a pessoa que agride desta forma, normalmente é ciumenta, insegura e possessiva.



Hélder Pinho

Pastor da Comunidade
Cristã “A Semente”
(Vale de Cambra)





As ameaças e a manipulação são as fortes armas que o agressor usa para tentar conseguir os seus intentos, como por exemplo: “Cala-te ou ainda apanhas”, “se continuas assim, saio por aquela porta e não volto mais para casa”, “se contas para alguém acabo contigo” ou “por favor, fica comigo, senão eu entrego-me aos vícios ou acabo mesmo com a minha vida” etc...

A vítima de violência psicológica ou emocional depois de algum tempo sendo sujeita a este tipo de tratamento, por vezes até começa aceitar a postura do agressor como sendo normal, pois a cabeça dela já lhe diz que ela está louca e que afinal o seu cônjuge está certo, a fé da pessoa morre e só resta um rigoroso tratamento psiquiátrico que só levará a encobrir o problema, pois liberdade completa e cura só mesmo Cristo pode dar. Os efeitos da violência psicológica e emocional são muito vastos e à semelhança de um cancro, esses efeitos podem permanecer silenciosos ou como que adormecidos por um longo período de tempo, é como que uma morte lenta.

Agressão física: É um comportamento agressivo contra o corpo da vítima e consiste em: Empurrar, beliscar, cuspir, chutar, morder, puxar o cabelo, esbofetear, tentar sufocar, tentar deitar ao chão, empurrar contra a parede, apertar, prender, etc...

“A pessoa violenta engana os seus amigos e os leva para maus caminhos.” Pv. 16:29

Tentar justificar qualquer tipo de violência no lar baseando em passagens bíblicas que falam sobre a liderança masculina é sempre tentar distorcer a Palavra no sentido de encobrir o nosso problema e pecado. A Bíblia jamais coloca a mulher em situação de perigo ou de vulnerabilidade, muito pelo contrário ela é sempre alvo de proteção.

No relacionamento sexual que deve ser um momento de extremo amor e carinho, muitas mulheres não são amadas, nem preparadas para o próprio ato, mas violentadas por causa do egoísmo e falta de domínio próprio do seu cônjuge, depois são apontadas pelo marido como frias, quando na verdade o que com certeza já aconteceu sucessivas vezes, é que só um tem tido prazer, o outro tem sido usado como objeto desse mesmo prazer meramente carnal. O relacionamento sexual deve ser algo concedido com amor e de livre e espontânea vontade em que os dois trabalham para dar e no final acabam os dois por receber. Tudo tem de ser feito segundo os princípios de Deus.

“Como podem duas pessoas andar juntas se elas não estiverem de

acordo?” Am. 3:3 Ninguém chega acordo sem falar e tudo tem de ser falado. Como cristãos, as nossas conversas decisões e atitudes precisam sempre de base Bíblica.

“A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a sua mulher. Não se recusem um ao outro, exceto por mútuo acordo e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não vos tente pela vossa privação.” 1 Co. 7:4,5 Somos uma só carne! Se eu magoar o meu cônjuge também saio magoado e vice-versa.

“Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não sejam interrompidas as vossas orações” 1Pe. 3:7 Quanto mais frágil e sensível é, mais precisa de ser tratada com cuidado e amor.

As crianças são consideradas vítimas de violência doméstica, não só quando essa violência é infligida a elas, mas também quando presenciam ou ouvem os abusos infligidos sobre uma vítima, seja ele pai, mãe, avôs...

Infelizmente parte da violência no seio familiar cristão acontece entre quatro paredes, mas precisamos examinar e urgentemente identificar essas atitudes e posturas que estão a destruir a família e tomar uma atitude rapidamente, isso se queremos mesmo glorificar a Deus, ter paz e preparar um bom futuro para toda a nossa descendência.

A violência doméstica infelizmente é uma realidade, mas num lar cristão como o nosso isso jamais pode acontecer... Deus chama-nos para cuidar bem da nossa família e ela só irá ser bem cuidada, quando o amor do Pai estiver no meu e teu coração, o melhor legado e a melhor herança que podemos deixar para as gerações vindouras, são o nosso exemplo diário e os princípios da Palavra de Deus.

1 Coríntios 13:4-7 “O amor é paciente, o amor é bondoso. O amor não dá lugar à inveja, não se vangloria, não se orgulha. O amor não maltrata, o amor não procura seus interesses, o amor não se ira facilmente, o amor não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

Último artigo sobre “As raízes do Movimento dos Irmãos”, escrito e enviado pelo irmão José Carlos Oliveira antes da sua partida para o Senhor.

As raízes do movimento dos Irmãos

É impossível, ao olharmos para Jesus e para a igreja do Novo Testamento, ficarmos com esta ideia descabida. O nosso Mestre sempre se preocupou com o ser humano TOTAL e a igreja seguiu essas pisadas. Os “irmãos” nunca descuraram, no início, que o ser humano precisa de ser cuidado no seu todo. Sabemos, pelo que ficou escrito, que havia intenso esforço social misturado com as ações evangelísticas. Os pobres daqueles dias eram alvo desse esforço, por exemplo, em Londres, Bristol e outros locais. Os líderes do movimento eram extremamente despojados em relação aos seus bens materiais. Anthony N. Groves e Robert C. Chapman, por exemplo, doaram as suas fortunas e escolheram viver de maneira simples. Diz-se que muitos irmãos abastados alugavam casas mais simples para que os pobres não se sentissem constrangidos por qualquer ostentação. Além de tudo isto é obrigatório falarmos da obra impar que um dos nossos pioneiros (George Muller) colocou em prática a favor das muitas crianças órfãs dos seus dias.

Eu sei que é comum falar-se na “salvação de almas”, tendo como alvo a ideia de apenas nos preocuparmos com as necessidades espirituais das pessoas, mas na Bíblia (quer no Antigo quer no Novo Testamento) a palavra SALVAÇÃO tem uma enorme abrangência. A palavra portuguesa SALVAÇÃO é influenciada por três idiomas: Hebraico, Grego e Latim.

No hebraico *yeshu'a* (de onde se traduz salvação) é um vocábulo que fala de segurança e está muito ligado com a certeza interior de que se está a salvo de um grande mal e perfeitamente seguro. Logo fala de salvação em termos físicos e espirituais. No grego a palavra *σωτηρία* soteria (salvação) está ligada com medicina. Significa cura, recuperação, remédio, livramento, redenção. O verbo *sozo*, “salvar” bem como o substantivo *soteria*, “salvação”, denotam: Salvamento e libertação de qualquer perigo que ameaça a vida.

No latim, dois termos são utilizados para SALVAÇÃO: *Salvare* (salvar) e *Salus*, que significa saúde. Podemos observar, a partir de tais definições, que o conceito de salvar na Bíblia vai muito além de salvação em termos espirituais.

Ora isso modifica, completamente, o conceito do que é evangelizar. Alguém, com muito acerto, disse que “evangelizar é



José Carlos Oliveira

Fundador do Refrigério



pregar o Evangelho TODO ao ser humano TODO”. Evangelizar, portanto, terá como objetivo responder aos problemas espirituais e físicos do ser humano que é espírito, **alma e corpo** (I Tessalonicenses 5:23)

É claro que o entendimento de que a salvação abrange o homem TODO, se for mal aplicada, tem riscos. O primeiro é o de se poder fomentar a ideia de “salvação de fora para dentro” de, como diz o povo, “se colocar o carro à frente dos bois”. De facto isso tem acontecido na história da cristandade. A própria ideia, tão instalada, de que é pela prática religiosa que nos podemos reconciliar com Deus é disso testemunho. Em 1971, por exemplo, Gustavo Gutiérrez Merino (teólogo peruano e sacerdote dominicano) lançou o livro “Teologia da libertação”, onde se defende que a salvação está, também, na libertação do oprimido político. Surgiram logo os que se apropriaram da ideia para colocar de parte a necessidade de salvação em termos espirituais. Numa conferência, alguns líderes do “movimento ecuménico”, apressaram-se a defender, com base nesse livro, que: **“A conversão que Deus esperava do ser humano era a conversão ao próximo”**. Afirmavam, por exemplo, que **“salvação era a paz do povo do Vietname, independência de Angola, justiça e reconciliação na Irlanda, etc”**. (John Stott – A Missão Cristã no Mundo Moderno)

Em lugar de salvação de dentro para fora, defendia-se a salvação de fora para dentro.

Noutro extremo, temos também a ideia do denominado “evangelho da prosperidade”, a defender que Jesus morreu para nos libertar do pecado, das doenças e da pobreza. A salvação, garantem, implica que toda a minha miséria (espiritual e material) seja debelada. E, porque aos defensores de tal teologia esta parte lhes interessa muito, surge de forma enfática a ideia de que para se receber é preciso primeiro dar (a eles, naturalmente). A filosofia é: **Quanto mais**

deres mais recebes. Dar com o mero objectivo de receber - egoísmo puro. E dentro desta corrente teológica (arminianista) vigora a ideia de que o crente, se não for firme e fiel até à morte (o que inclui ser bom contribuinte), pode perder a salvação. Logo a salvação também se faz de fora para dentro.

Ora Jesus, para além de falar do novo nascimento (um milagre operado por Deus no nosso interior) mostrou também que primeiro é necessário mudar a natureza da árvore para que ela possa dar bons frutos. (Mateus 7:17,18).

Mas nesta frase do nosso amado Salvador, fica também patente que os frutos revelam a natureza da árvore e, naturalmente, esses frutos são as boas obras que se esperam dos cristãos.

Infelizmente, em Portugal, contam-se pelos dedos os projetos, de inspiração evangélica, direcionados às necessidades físicas do ser humano. Criticamos, por vezes, os nossos amigos católicos, e com razão, por causa das suas doutrinas não condizentes com a Palavra, mas esquecemos que eles, em termos sociais, possuem uma obra digna de realce. Bem sei que os católicos romanos que se envolvem o fazem, muitas vezes, porque são ensinados que é dessa forma que podem tornar-se agradáveis aos olhos de Deus para salvação. Contudo, os destinatários dessas obras sociais, não deixam de ser beneficiados. Nós, os evangélicos, porque cremos (e bem) que a salvação não é pelas obras e sim pela graça, tendemos a esquecer que no capítulo dois da carta aos Efésios não existem apenas os versículos oito e nove (passagem que citamos com frequência), existe também o versículo dez. De facto não somos salvos PELAS boas obras, mas fomos salvos PARA as boas obras e o versículo dez diz que Deus preparou essas boas obras para que andássemos nelas. Não devemos esquecer isto. É nesta base que se insere a carta de Tiago e a sua afirmação de que **“a fé sem obras é morta”**. (Tiago,2:26)

Evangelismo Intercultural

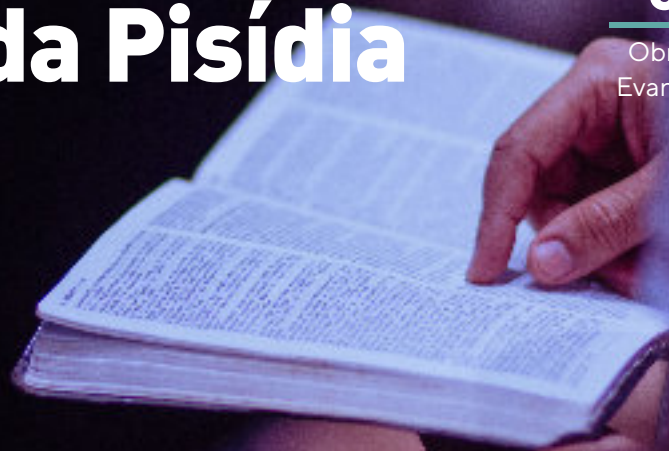
Antioquia da Pisídia

Parte 1



**Jabesmar
Guimarães**

Obreiro e ancião da Igreja
Evangélica de São Torquato
(Vitória, ES, Brasil)



Não podemos falar da evangelização em Antioquia da Pisídia sem antes falar da igreja em Antioquia da Síria. Não haveria trabalho missionário intercultural em Antioquia da Psídia se não houvesse em Antioquia da Síria uma igreja intercultural com uma liderança intercultural.

O livro de Atos mostra-nos que pessoas formavam a liderança da igreja. Lemos em Atos 13:1,2: “Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.”

Antioquia da Síria era uma importante cidade do Império Romano. Na verdade, ela era a capital da Síria e era, depois de Roma e Alexandria, a terceira maior cidade do Império. Estimase que na época do Novo Testamento a sua população era de 500.000 pessoas. Era o centro das relações diplomáticas com os estados do oriente. Por isso era o ponto de encontro de muitas nacionalidades.

Por ser um grande centro mundial de comércio, em Antioquia da Pisídia via-se toda a sorte de pessoas que iam e vinham dos quatro cantos do Império Romano.

Era ao mesmo tempo uma cidade grega, romana e judia, sendo o ponto de encontro das civilizações helênica e oriental, bem como das suas religiões e costumes. Ali podia-se ver o culto a Zeus, Gáminedez, Narciso, Baco, Apolo e Baal, entre outros. Havia também bastante interesse pela filosofia e por termos abstratos tais como alegria, prazer, renovação, salvação etc.

Notável é o fato de que foi em Antioquia da Pisídia que os discípulos de Cristo foram pela primeira vez chamados de cristãos (cf. At 11:26).

Foi o trabalho nesta cidade com tanta diversidade cultural que preparou Paulo e Barnabé para o trabalho intercultural e transcultural para o qual o Senhor os chamou. Evangelizar pessoas de tantas nacionalidades, de tantas culturas e raças diferentes serviu de escola para eles! Ter na liderança da igreja pessoas de nacionalidades e culturas diferentes também foi

importante. Dois judeus (Paulo e Barnabé), um africano (Lúcio de Sirene), uma pessoa de boa posição social (Manaém – irmão de criação de Herodes, o Tetrarca e Simeão (um negro). Todos trabalhando em perfeita harmonia e buscando fazer a vontade do Senhor. Estes cinco homens simbolizavam a diversidade étnica e cultural de Antioquia e da própria igreja. Que fantástico!

Para falar do trabalho numa cidade também chamada Antioquia, é necessário dar este pano de fundo histórico para que nos situemos melhor.

Saindo de Antioquia da Síria, Paulo e Barnabé, foram para Chipre (Salamina, atravessando a ilha até Pafos). De Chipre navegaram até Perge, indo dali até a Antioquia da Pisídia. Uma outra cidade com o mesmo nome.

Antioquia da Pisídia foi uma cidade construída numa altitude de cerca de mil e duzentos metros. Na realidade não se encontrava na Pisídia, e, sim, na Frigia, mas ficava próxima da fronteira com a Pisídia. Assim sendo, veio a ser chamada Antioquia da Pisídia ou Antioquia em direção a Pisídia a fim de distingui-la de uma outra Antioquia, existente na Cária. Seleuco I Nicator (312-280 a.C) fundou diversas cidades que receberam o nome de «Antioquia» em honra a seu pai. Era uma colônia e um posto militar avançado dos romanos, sendo a cidade mais importante da Galácia do Sul. Situava-se numa importante rota comercial entre Éfeso e a Cilícia, e era um importante centro do helenismo. Entre as edificações encontradas estão: um teatro com capacidade para quinze mil pessoas sentadas, um banho romano, uma fonte monumental, aquedutos bem construídos e um estádio em forma de ferradura com capacidade para trinta mil pessoas sentadas. Sem dúvida era uma grande cidade!

O imperador romano Augusto, concedeu-lhe privilégios de colônia romana. As antigas ruínas dessa cidade ficam perto de Lalovaque, na Turquia moderna.

Antioquia da Psídia foi a primeira cidade onde Paulo e Barnabé plantaram uma igreja. Nunca é demais lembrar que esta atividade missionária foi iniciativa de uma igreja local, uma igreja dirigida pelo Espírito Santo! Não foi fruto de perseguição



ou de dispersão. O Espírito Santo chamou e a igreja abriu mão de dois dos seus melhores líderes.

Há uma lição aqui: a igreja deve ser promotora de missões. Não pode haver obra missionária desassociada da igreja local, pois a igreja é a retaguarda espiritual do missionário.

Em Antioquia, Paulo e Barnabé dirigiram-se a uma sinagoga onde lhes foi dada a oportunidade de falar. Paulo começa o seu discurso dirigindo-se a dois grupos distintos: os judeus e os tementes a Deus (v. 16). Como os irmãos já devem saber, os tementes a Deus eram os prosélitos gentios que freqüentavam as sinagogas, conheciam as Escrituras, mas não se tornavam judeus (ex.: não se circuncidavam). O auditório era composto de pessoas que conheciam a história de Israel e dos feitos do Senhor através dos séculos. Podemos afirmar que a sinagoga era o ponto de contato usado pelos missionários para iniciar a pregação do Evangelho.

Paulo começa o seu discurso dirigindo-se a ambos os grupos (judeus e tementes a Deus). O discurso que ele fez é muito próximo ao que Estevão fez na sua defesa em Atos 7. A diferença é que Estevão não pode terminar o seu discurso, ao passo que Paulo foi até ao fim.

Paulo fez um breve resumo histórico chegando à época do primeiro rei, Saul e à sua rejeição por parte de Deus. Então chega a David, o homem segundo o coração de Deus, do qual faz uma ponte até Jesus, o Messias prometido.

Paulo inclui os gentios na obra salvadora quando diz: “irmãos, descendência de Abrão e vós outros que temeis a Deus, a nós nos foi enviada a palavra desta salvação” (cf. 13:26). Então ele faz um discurso adequado ao auditório. Ele pode usar como ponto de partida as Escrituras, pois o seu auditório a conhecia. Ele usou-a pra introduzir a pessoa de Jesus Cristo, falando acerca do que os habitantes de Jerusalém e as autoridades fizeram a Jesus, culminando com a sua morte na Cruz e o seu sepultamento e ressurreição. Ele anunciava um Cristo vivo! Um Cristo que podia resolver de uma vez para sempre o problema dos seus pecados.

Eles foram convidados a falar no sábado seguinte, mas algumas pessoas não quiseram esperar uma semana inteira para ouvir a mensagem e se apegaram a Paulo e Barnabé, os quais lhes falaram mais acerca da fé em Cristo. A repercussão foi tão

grande que no sábado seguinte quase toda a cidade foi à sinagoga para ouvir a mensagem do Evangelho (cf. 13:14). Os judeus, (provavelmente os líderes) ficaram com inveja e começaram a fazer oposição aos pregadores, o que levou os missionários a se desligarem da sinagoga e iniciarem uma igreja cristã naquela cidade.

Depois os judeus opositores associaram-se com mulheres de alta posição e com as autoridades da cidade e expulsaram os missionários dali. Eles se foram, mas deixaram uma igreja viva e actuante naquele local. Este é um pequeno resumo dos acontecimentos em Antioquia da Pisídia.

É com base nesta primeira viagem missionária, e também das outras duas, que fazemos um quadro totalmente equivocado do ministério de Paulo, se entendemos que ele vivia fazendo rápidas viagens missionárias de um lado para o outro deixando atrás de si pessoas semi-instruídas. Uma leitura cuidada do livro de Atos dos Apóstolos nos mostrará que era seu costume permanecer num local até estabelecer uma comunidade cristã bem alicerçada ou então quando era forçado a ir embora da cidade (ex.: em Corinto ele ficou um ano e meio e em Éfeso por três anos).

Voltando a Antioquia da Pisídia, podemos ver que o ministério deles ali foi ao mesmo tempo intercultural e transcultural. Se entendo bem os termos, intercultural significa evangelizar pessoas da nossa própria cultura, podendo talvez, ser expandido para o evangelismo de pessoas de uma outra origem cultural, mas que estão em nosso país e falam a nossa língua. Já o evangelismo transcultural, significa o evangelismo a pessoas de uma outra cultura, de uma outra nacionalidade, e normalmente implica em transposição de barreiras geográficas ou nacionais.

Existe o também chamado monocultural que é quando o evangelizador é participante da mesma cultura, língua e experiências culturais do evangelizado.

Creio que todos nós conhecemos as dificuldades inerentes ao evangelismo intercultural, pois evangelizamos nos nossos países. Apesar das diferenças regionais falamos a mesma língua, temos o mesmo pano de fundo histórico e cultural etc. Por isso, não será preciso deter-nos em explicá-las detalhadamente, pois elas são bem conhecidas.



Encontro Nacional de Irmãos Igreja – Passado, Presente e Futuro

Cais da Fonte Nova, 5 de Outubro de 2019. Fizemos daquele esplêndido lugar, com vista para a ria de Aveiro, a sede do Encontro Nacional de Irmãos. Pouco depois das 10h, cumprido o nosso característico ligeiro atraso e com uma ocupação de cerca de 2/3 dos 730 lugares do auditório do Centro Cultural e de Congressos de Aveiro, teve início o encontro. A reunião foi dirigida pelo Ir. Hélder Soares (Ancião da Igreja Evangélica de Aveiro), que a abriu com uma breve oração de agradecimento a Deus e ao qual, após um período de louvor, também incumbiu a apresentação sumária dos oradores e tema deste ano – “Igreja – Passado, Presente e Futuro”. Cantamos ao Senhor pela manhã, dirigidos pelos músicos da IE da Madalena e da IE de Leça da Palmeira, 4 cânticos. Alegremo-nos através de Neemias 9:1-17, numa leitura escolhida, lida e explicada pelo já mencionado Ir. Hélder, pois “o Senhor que se provou fiel ao longo dos tempos é o Senhor com o qual nos encontramos aqui hoje”.

A 5 minutos das 11h o Ir. Paulo Oliveira (Ancião da IE de Guimarães), tomou o púlpito para nos fazer reflectir no nosso passado enquanto Igreja, no qual “Deus sempre toma a iniciativa de vir ter connosco... e porque Deus cumpre as suas promessas estamos aqui hoje”, tendo-nos desafiado ainda: “entrega-te a Deus completamente... percebe quem és neste corpo de Cristo”. Pelas 11:45h, ouvimos de um grupo da IE de Braga duas participações musicais e levantamos uma oferta para cobrir despesas desta assembleia. Seguidamente, abordando o Presente da Igreja e fazendo uso de Eclesiastes 7:10, o Ir. Duarte Casmarrinha (Ancião da IE da Rocha Nova), incentivou-nos “a não ficar presos no passado” e procurou lançar-nos um desafio prático a unirmos esforços com outras igrejas locais, tendo por base a questão: “estamos (Igrejas dos Irmãos) condenados a definharem ou desaparecer?”.

Terminado o período da manhã pelas 12:52h, retornamos ao auditório pelas 15h. Depois de 2 cânticos, dentre os quais a música “O Rei

desceu da glória” composta por Luís Poças (IE da Madalena), um largo período de anúncios e testemunhos teve lugar. Intervieram aqui e por esta ordem: Ir. Mário Santos dando conta do crescimento da Comunidade Cristã no Algueirão; Timóteo F. Woodford (Presidente da Coordenadora de las Asambleas de Hermanos de Galicia) que nos informou sobre a presença das Assembleias dos Irmãos em Espanha e que por lá contabilizam 175 igrejas, 14 pontos de missão, 76 obreiros e cerca de 8500 crentes; José Caride da Igreja de Ourense (Galiza) que nos falou dos 450 anos da tradução da Bíblia para o Castelhanos; Carlos Alves de Azeitão; Nuno Fonseca e José Capelas trazendo novidades da IE em Boas Novas; Jorge Adrião com notícias das IE de Santa Catarina e de Olarias; João Ernesto com testemunho da IE de Braga e do seu trabalho evangelístico; Pedro Lopes da IE de Gafanha da Nazaré relatando o esforço do departamento de jovens da CIIP e António Calaim (Ancião da IE de Sintra) e Presidente da Aliança Evangélica Portuguesa.

Decorreu um 3º período de louvor com 4 cânticos, após o qual perspectivamos o Futuro da Igreja com o 3º orador deste evento, Cláudio Martinowski (obreiro do departamento missionário da CIIP). Houve ainda tempo para escutarmos o Ir. Walter Alexandre que em 7 pontos, com base em I Tessalonicenses 1:5 nos incentivou a pensar “porque é que a reunião de oração das igrejas está fraca” e a “cuidar da obra local como se o Senhor estivesse para chegar hoje”. Ao longo do dia, para além de um espaço dedicado às crianças, estiveram montadas várias bancas, promovendo a venda de livros e não só, dentre as quais destacamos a do departamento missionário da CIIP e a do GBU (Grupo Bíblico Universitário).

Terminou o ENI 2019 com uma oração pelo Ir. Hélder, esperando que a partir do “encontro que nesta tarde nós tivemos com a palavra de Deus possamos num só coração dizer: as nossas vidas e igrejas locais serão firmadas na palavra do Senhor”.



João Tomé

Historiador, Membro da Igreja Evangélica de Senhora da Hora





XX Congresso Nacional de Jovens da CIIP

Perseguindo a Vocação



João Tomé

Historiador, Membro da Igreja Evangélica de Senhora da Hora

O Congresso Nacional de Jovens da CIIP está de volta! O vigésimo da contagem oficial e que, nos dias 1 a 3 de Novembro de 2019, reuniu no Centro Bíblico de Esmoriz, 53 jovens de várias Igrejas da Comunhão dos Irmãos.

Passados mais de 4 anos da realização do último encontro, que de 20 a 22 de Março de 2015 deixara pairar a pergunta Quem és tu?, foi com Hendrik Von Niessen (palestras 1 e 3) e Hélder Soares (palestras 2 e 4) que desta vez exploramos o tema Vocação. Distribuídas as sessões ao longo dos três dias, cada um foi desafiado a reflectir sobre Vocação 1) Na Profissão 2) Na Família 3) Na Comunidade 4) Na Igreja, sessões após as quais sempre houve um debate em mini-grupos previamente definidos. Deixamos aqui de cada um dos oradores e pela ordem de cima, duas frases que definem o que é a Vocação: escutamos do primeiro “[...] vocês estão aqui porque querem ouvir da voz que vos faz crescer, que é a voz de Deus [...] se ouvirmos o que [Deus] quer para nós, podemos ter a certeza que estamos no caminho certo” e do segundo “Quando eu quero perceber o que Deus quer para mim, devo procurar as razões pelas quais Ele me chamou [...] Percebo que a minha vocação é viver para o louvor e glória de Deus [...] Assim tudo quanto faço deve estar dirigido para o Senhor, quer seja a minha família, o trabalho, o lazer”.

Deve destacar-se o enorme trabalho que o Departamento Nacional de Jovens da CIIP

teve na preparação de um conjunto de actividades que proporcionaram momentos de alegria e partilha entre os participantes. A saber, o momento de Quebra-Gelo na Sexta-Feira de manhã, o concerto da noite criativa no mesmo dia com o músico Tota, a palestra sobre Criação com Alex Von Stein e ainda um Quizz extremamente competitivo, ambos no Sábado à noite. Os momentos musicais de louvor e adoração dos vários dias ficaram maioritariamente a cargo da Juventude Evangélica da Beira Vouga.

Na manhã de cada dia, antes do pequeno-almoço, houve espaço para que cada pessoa tivesse um período de comunhão com Deus a sós. Não faltaram também entre os jovens os debates sobre o tema da predestinação para a salvação, pese embora a conclusão fosse apenas a perda de umas boas horas de sono. Estiveram representadas, entre outras, as seguintes Igrejas: Amial, Aveiro, Belomonte, Cucujães, Eiras, Foz, Gafanha da Nazaré, Leça da Palmeira, Madalena, Olarias, Pardilhó, Rocha Nova, Senhora da Hora, Silveiro, Valadares.

No Sábado de tarde, enquanto ainda havia luz e antes de uma aguerrida partida de futebol, foi tirada uma fotografia de grupo. Terminados os 3 dias, por volta das 15h de Domingo, os 28 rapazes e as 25 raparigas arrumaram as suas coisas e deixaram o CBE, esperando que para o ano mais se lhes possam juntar com alegria pela sua vocação no Senhor!



Por lapso editorial, não foi publicado no dossier "Acampamentos" do último número o artigo sobre as Quintas do Norte, da União Bíblica. Corrigindo essa falta, publica-se agora o presente artigo.

Acampamentos 2019

Quintas do Norte

Depois de ter começado no Carrascal em 1949 foi de 12 a 20 de setembro de 1955 que se realizou o primeiro acampamento da UB em Francelos, numa quinta emprestada e com todo o material emprestado também.

Meia dúzia de anos depois, rumou para Ovar, onde também num espaço cedido gentilmente pela família Colares Pinto, junto à Ria, no Carregal, continuaram estes acampamentos, aqui já não só para jovens, mas também para crianças!

Em 1965 a Comissão Nacional da UB decidiu então comprar um terreno no lugar das Quintas do Norte, freguesia da Torreira, e do nada se foi construindo este espaço que é agora o Acampamento Quintas do Norte-UB que conhecemos. De localização privilegiada, entre a Ria e o Mar, em terrenos de reserva agrícola nacional, tem garantidas a paz e tranquilidade que outros espaços devido à pressão urbana já não conseguem manter. Devido à sua localização, este acampamento teve sempre uma vertente náutica, usando barcos a remo e à vela próprios, nas suas atividades lúdicas. Temos semanas de acampamentos para crianças, juniores, adolescentes e jovens. Valorizamos o estudo e a meditação da Palavra, daí que continuemos a chamar campos bíblicos e não campos de férias, sem no entanto, esquecer a parte lúdica e desportiva, pois além dos jogos no nosso espaço, vamos também à praia, no mar ou na Ria, picnics, etc. Há um equilíbrio entre a Natureza, e a modernidade, sem a qual, apesar de muito boas recordações antigas, já ninguém consegue viver... E os resultados estão à vista: ao longo dos anos muitas crianças e jovens aceitaram ali o Senhor Jesus como seu Salvador, e alguns estão até servindo o Senhor em diversos ministérios (por exemplo o Pedro

Mateus) ou sentiram uma chamada missionária (como o caso de Rute Antunes, esposa de Samuel Antunes a servir atualmente na AD de Ovar, depois de vários anos nos Açores). E se recuarmos atrás algumas gerações iríamos encontrar muitos nomes e muitas famílias (Mateus, Nunes, Almeida e Silva, etc) que tiveram a sua primeira experiência de acampamentos na União Bíblica, até porque na altura era único aqui no Norte. Mas voltando aos nossos dias temos por exemplo o testemunho da Sofia Pereira Miranda que diz: "O ano tem 365 dias e no mínimo 8 dias eram passados neste local tão especial. Falar em Quintas do Norte, é falar dos melhores verões que tive e tenho, desde os meus 5 anos... Falar das Quintas do Norte é falar do local onde encontrei pessoas queridas e impactantes na minha vida. Falar das Quintas do Norte é falar de Jesus e do Seu Amor. É falar de como este lugar foi e é importante para o meu crescimento espiritual!" Temos também o testemunho da Abigail Castro: "Lembro-me do 1º dia em que cheguei às Quintas do Norte. Estava assustada porque não sabia bem para o que lá... lembro-me de noites que chorei com saudades dos pais e com vontade de voltar para casa. Mas com o passar dos anos, foi o lugar que acompanhou o meu crescimento, e onde aprendi a crescer em todos os sentidos. Foi também o primeiro ministério que me deu o privilégio de começar a treinar as minhas capacidades de liderança enquanto chefe! Dou muitas graças a Deus por este ministério e por todas as ferramentas que me deu e que ajudaram a me tornar na pessoa que sou hoje". São testemunhos assim que nos dão força para avançar. Não queremos ser um acampamento grande, a nossa lotação anda pelos 50, mas queremos continuar a ser um Grande Acampamento!



Paulo Pina Leite

Obreiro da União Bíblica





Em memória **José Carlos de Andrade Oliveira** **1951 – 2019**



Luís Pereira

Ancião da Igreja Evangélica
de Leça da Palmeira

Neste momento em particular, escrever sobre o Zé Carlos torna-se uma tarefa ao mesmo tempo fácil e difícil.

Fácil porque a sua vida foi tão rica que permitiria encher todo o Refrigério (do qual foi o primeiro director) com o seu exemplo de entrega à obra de Deus, por outro lado difícil porque as palavras são insuficientes para descrever quem foi afinal o nosso “pastorinho”, como carinhosamente lhe chamávamos.

Jovem ainda, veio para Matosinhos onde conheceu o grande amor da sua vida, a Zulmira. Foi através dela que veio até à igreja de Leça, local onde se converte mais tarde.

Ainda muito débil na fé, parte para a Guiné Bissau em serviço militar. É neste país que ocupa os seus tempos livres a organizar as primeiras reuniões de evangelismo. Debate-se com as primeiras dificuldades em conseguir compreender e também explicar aos outros assuntos para os quais também não tinha tido formação. Pede ajuda pelo correio e recebe algum apoio para muitas das suas dúvidas. Contudo, a maioria das suas cartas ainda as veio abrir quando regressou a Portugal.

Já em Leça a sua primeira grande tarefa foi ocupar o cargo de dirigente do grupo de jovens. Aqui começa, a pouco e pouco, a impor as suas ideias, muito avançadas para a época em questão e, juntamente com a Zulmira, inicia aulas de educação sexual. Criticado por alguns dirigentes, mesmo assim não se deixa abalar e acaba com o tabu do cinema quando decide levar o grupo ao Cineteatro São João para ver um filme.

Assume mais tarde, por força do seu carisma e da sua capacidade de liderança, o cargo de Ancião-coordenador na Igreja, responsabilidade essa que manteve sempre.

Trabalhou a tempo integral ao serviço da Igreja e começou a fazer programas semanais de evangelismo na extinta Rádio Clube de Matosinhos. Devido a esta sua atividade e após alguns mal-entendidos, vê serem cortados os apoios monetários ao seu sustento e da sua família, pelo que volta ao mercado laboral sem, contudo, prejudicar as suas grandes responsabilidades na Igreja.

Inicia assim uma nova etapa na sua carreira e devido à sua grande capacidade assume alguma responsabilidade na rádio, na Câmara de Matosinhos e também na organização das festas do concelho.

Apesar de ele e a viola serem incompatíveis, tinha grandes capacidades na área musical. Compõe muitas músicas e escreve muitas letras para o grupo Beraca (Bênção) que fundou.

Assume também a organização dos acampamentos no CBE, onde chega a dirigir as semanas todas, dedicando todos os anos parte do seu tempo na formação de muitos campistas que ainda hoje lhe são gratos pelo que ele lhes ensinou.

Após o horário de trabalho iniciou aulas de discipulado dando assim oportunidade a quem quisesse aprender mais da Palavra de Deus o pudesse fazer. Apesar de os alunos não serem muitos, ele lá estava sempre à espera para ensinar. Só depois pensava em regressar a casa e em cuidar de si.

Era assim o nosso Zé Carlos.

Autodidata, procurava sempre aprender muito para poder ensinar melhor. Fazia da leitura de Génesis a Apocalipse uma rotina e quando chegava ao fim voltava ao início para, como dizia, aprender coisas novas.

O seu grande vício era a banca dos livros onde esperava sempre encontrar algo que pudesse levar e assim aumentar a sua já grande e variada biblioteca.

Passava muito do seu tempo livre agarrado ao computador na preparação de mensagens e estudos que todos pudemos desfrutar. Nunca recusava um convite para colaborar com outras igrejas locais, delegando a sua agenda na sua secretária particular, a Zulmira.

Quis o Senhor, na sua grande sabedoria, levá-lo e nós, na nossa infinita ignorância, ainda não compreendemos. Não era o modo como ele queria chegar à presença de Deus. Sempre teve a esperança que Jesus viesse antes, e sempre foi esse o lema da sua vida.

Um dia saberemos o porquê deste desfecho, contudo podemos dar-nos por felizes, os que privaram com ele, por todos estes anos de dedicação, de exemplo de vida, de amor à Igreja, de pai amoroso, de marido precioso.

Tudo isto foi o Zé Carlos, mas, como foi dito, muitos mais adjetivos lhe podem ser imputados.

Dizia sempre que enquanto estivesse na Igreja esta nunca seria perfeita. Agora que partiu podemos afirmar que enquanto esteve connosco as nossas vidas se tornaram mais ricas e, de um momento para o outro, ficaram muito mais pobres.

Resta-nos a consolação de saber que isto não é o fim. Sabemos muito bem para onde foi e temos a certeza que o reencontro estará marcado para breve.

A ferida irá sarar, a dor será atenuada, mas a saudade essa irá com toda a certeza aumentar.

Até já meu querido irmão.



O nosso pai

A maior expressão do nosso pai como homem de Deus não foi o tempo que ele dedicou à sua Igreja local, os estudos que preparou para todas as outras, a dedicação aos irmãos e aos seus problemas, o amor que sempre nutriu por quem o rodeava. Ele era todas estas coisas, é certo. Mas a maior expressão do nosso pai como homem de Deus sempre foi connosco, a sua família.

Mais do que um homem incrível — que muitos, para nossa felicidade, reconhecem nele —, o nosso pai foi um pai extraordinário, um marido excepcional. E foi-o precisamente por ser um homem de Deus. Por todos os dias querer ser exemplo, ser sal, ser luz — logo ali, em nossa casa. Por todos os dias colocar a vida dele nas mãos de Deus, ensinando-nos a fazer o mesmo. Deus deu-nos o privilégio de vivermos com um homem que sabia que não era perfeito, que nos perdoava por também não sermos, mas que saía da cama todos os dias, humilhado perante o Pai, com o objetivo permanente de ser um bocadinho melhor. E isso sempre nos ensinou que é preciso ser para poder ensinar. Que as palavras são poucas, pequenas, irrelevantes, se o dia a dia não for vivido de acordo com elas. Que o difícil não é fazer grandes pregações e dar lições eloquentes. O difícil — e excepcional — é ser ou tentar sempre ser aquilo que Deus desenhou para nós.

É difícil falar dele agora — como, provavelmente, sempre foi — porque há demasiadas coisas no amor do nosso pai que dificilmente poderemos explicar a quem não o sentiu como nós. Não terá sido por acaso que o nosso querido Eliseu Alves escolheu uma passagem sobre o amor para falar no funeral dele. Mas permitam-nos que apontemos para uma expressão específica — porventura a mais difícil — desse amor: o perdão.

De todos os dons que Deus deu ao nosso pai, a virtude do perdão será, certamente, a que mais o definirá. O nosso pai foi um homem de perdão. E isso não é coisa fácil — basta lembrar que o próprio apóstolo Pedro pediu ao Senhor um limite: "Quantas vezes?". O nosso pai perdoava sem limite, mesmo quando isso lhe custava — porque nunca deixou de ser um homem como os outros —, mesmo quando outros não viam espaço, razão ou capacidade para isso. O nosso pai não julgava, mesmo quando os outros só esperavam que ele o fizesse.

Porquê? Porque o nosso pai era amor. O amor do Deus que ele amava, antes de qualquer outra coisa, mas, sobretudo, por causa de todas as outras coisas que Deus lhe dava. Na cabeça do nosso pai, a resposta sempre foi o amor.

Agora que não o temos connosco, mantemos a esperança de que essa resposta seja exemplo, ainda maior, para todos os irmãos: amar. Porque é isso, muito provavelmente, que continuamos a ter de fazer mais uns pelos outros — e pelo mundo, que o nosso pai nunca se cansou de tentar alcançar.

Lídia e Sara



**Lídia
Oliveira**

Até breve, moranguinho

” José Carlos de Andrade Oliveira, 68 anos, tal como sou, no alta definição. ”
Se fosse ao programa, seria assim o início de uma bela entrevista.

O cenário escolhido seria certamente o espaço onde está situada a Igreja Evangélica de Leça da Palmeira, lugar onde desde os anos 70 ministrou a palavra de Deus e onde exerceu o dom de pastorear.

Nos últimos dias tenho lido e ouvido sobre o meu pai e emociona-me que a vida de tantos tenha sido tocada pela forma como viveu.

Irrepreensível, não violento, mas gentil, hábil no ensino, hospitaleiro, sensato, administra bem a própria casa, são algumas das características de um pastor mencionadas na primeira carta que o apóstolo Paulo escreve a Timóteo.

Lidera, Inspira, Envolve-se, Recicla-se e está sempre pronto a aprender.

Há uma diferença entre o papel de pastor e o dom de pastor e efetivamente o meu pai recebeu esse dom.

Que ele era assim, sabíamos, pelo privilégio que tivemos de sermos esposa, filhas e genros e estarmos tão perto dele. Perceber que os outros foram tocados por isso, é mesmo maravilhoso para nós.

Homem de sorriso bonito e gargalhada contagiante, o meu pai era muito feliz, não porque a vida tenha sido fácil, bem pelo contrário, mas porque nunca se agarrou a essas coisas, mas sim à segurança de que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus.

E ele amava.
Gostava de flores e gostava do mar.
Não gostava da sujidade que as gaivotas faziam.
Não gostava do trânsito.
Gostava de ler e escrever.
Não gostava de arroz branco nem de frango, mas comia.
Gostava muito de rir e de brincar connosco.
Não gostava de nos ver sofrer.
Amava-nos profundamente, assim como a restante família e amava a família em Cristo que ao longo dos anos ocupou o seu coração.
Não gostava que as igrejas locais gastassem tempo a discutir assuntos banais, em vez de usarmos esse tempo para pregar o evangelho e glorificar a Deus.
Gostava muito das celebrações do Natal e de Páscoa.
Não gostava do carnaval, nem de Halloween.
Gostava de sextas e lareira acesa.
Não gostava de ter os pés frios.
Gostava de cozinhar e de estar em Celorico de Bastos, perto da terra onde nasceu.
Não gostava de dormir fora de casa.
Gostava muito de cantar.
Não gostava de ver pessoas a serem gozadas em programas de televisão.
Gostava muito de abraços e que o salão em Leça estivesse cheio do riso das crianças.
Não gostava que as pessoas se incomodassem com o barulho das crianças.
Gostava muito de fazer o casamento dos jovens que tanto acarinhou e que o escolheram.
Não gostava muito de ter de dirigir funerais.
Gostava de ler o meu blog, dizia-me, por isso vou continuar a escrever.
O meu pai era bom. Eram mesmo muito bom para nós.
Partiu mas o amor dele ficou. Ficará sempre, porque é verdadeiro, é único e é impossível de esquecer.
Temos muitas saudades, porque enchia a nossa casa, as nossas vidas.
Tínhamos tudo e agora perdemos metade de nós e metade é muita coisa.
“O que dizem os seus olhos?”
Dizem que o amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.
Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;
Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;
Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
O amor nunca falha.
1 Coríntios 13:4-8

Para o meu pai.

12.02.1951 03.11.2019

Fé e boa consciência

Quando comecei a ler as cartas pastorais de Paulo a Timóteo e Tito descobri que a fé e a boa consciência são palavras características nessas cartas. Paulo descreve várias atitudes que os homens tomariam em relação à fé consequentemente perderiam a boa consciência.

Passei a pensar um pouco mais nessas duas expressões visto que são repetitivas em forma de alerta e exortação, Paulo começa a 1ª carta à Timóteo no Cap. 1 mostrando como deve ser a postura de Timóteo em relação aos falsos ensinamentos, no verso 5 é a primeira vez que encontramos a expressão “... Consciência boa e de fé sem hipocrisia.” Logo depois no verso 19 “mantendo a fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé”. Em seguida no Cap.3:9 “conservando o ministério da fé com a consciência limpa”. Em 2º Timóteo 3:8 “... são homens de todo corrompidos na mente, reprovados na fé.” Na carta a Tito 1:4,5 “... homens desviados da verdade ... porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas.”

Podemos ver como é tão seria a questão da fé e da boa consciência, elas andam juntas. Paulo fala como sendo uma das virtudes que temos que buscar para não naufragarmos na vida Cristã. Vemos que o abandono da fé leva a perda da boa consciência.

Mas o que significa a fé e a boa consciência?

A Fé – dentro do contexto das cartas não se refere tão somente ao crê, acreditar em Jesus, mas refere-se a tudo que compõe a estrutura do cristianismo (Ensinos de Jesus, a Pessoa de Jesus, o Ministério, as Doutrinas, a Esperança, a Verdade, a Santidade e Pureza, a Salvação e

Graça, a Eternidade, a Palavra de Deus...) essa estrutura da fé que Paulo diz a Timóteo que ele deveria “lutar” por ela.

Recebemos a salvação por fé e nos tornamos justos, a nossa vida Cristã deve ser dirigida por fé de acordo com que nos foi confiado por Deus através de sua Palavra. Assim como vemos Paulo dizendo a Timóteo, “Tu, porém permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste. 2.º Timóteo 3:10

Não temos como viver a vida cristã sem esta fé, a maturidade cristã é alcançada por fé, a fé traz vida para o nosso relacionamento com Deus. Podemos viver em paz e humildade mesmo em circunstâncias difíceis se mantermos essa fé.

A fé mantém-nos na pureza moral e no verdadeiro conhecimento de Deus, se olharmos o que diz em Hebreus 11:6 “ De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam.” Se olharmos atentamente o contexto deste versículo podemos ver que a fé aqui é a mesma que Paulo fala na sua carta pastoral: confiança na Verdade recebida ao ponto de morrer por ela. Por isso é impossível o crente que perdeu essa fé agradar a Deus, pois ele não terá prazer na palavra de Deus que é a fonte para o fortalecimento e crescimento desta fé.

Infelizmente tenho visto muitos cristãos perderem a fé, porque seus olhos estão fixos naquilo que é visível, já não há certeza das coisas que se esperam, nem convicção de fatos que se não veem. Não tem como agradar a Deus, não há temor de Deus nos seus corações, perderam



**Geoprix
Annelize
Tomé**

Missionário com a Igreja
Evangélica de São Tomé
e Príncipe

a boa Consciência que os acusavam e estão sendo endurecidos pelo engano do pecado.

Consciência - Consciência é a capacidade de discernir; bom senso; sentimento do dever. Segundo o dicionário online de Português <https://www.dicio.com.br/>

Paulo nos diz na sua 2ª carta a Timóteo cap.1:3 que servia a Deus de consciência pura desde os seus antepassados. Assim deve ser a nossa atitude na obra de Deus e na vida cristã.

Satanás nosso adversário anda em derredor desde o princípio da criação procurando forma de tirar a fé daqueles que tem um relacionamento sadio com Deus por meio da fé, infelizmente ele tem conseguido roubar a fé de muitos e consequentemente cauterizando a consciência pelo engano do pecado.

No verso 19 do capítulo 1 de 1 Timóteo vimos que Paulo exorta a Timóteo a permanecer na fé e boa Consciência, duas coisas que Timóteo tinha que guardar com cuidado : a fé e a boa consciência. E essas duas coisas tinha que andar juntas como já vimos, pois notamos no versículo que, Himeneu e Alexandre deixaram de guardar as duas coisas, “rejeitando a boa consciência, vieram a naufragar na fé” (vv. 19-20), o texto é claro em dizer que eles rejeitaram: “a boa consciência”.

JOHN STOTT no seu livro A MENSAGEM DE TIMÓTEO E TITO na pag. 54 diz que: “a palavra empregada na sua rejeição de consciência (apôtheô) significa pôr alguma coisa ou alguém para fora, repudiar. Estando implícita “uma violenta e deliberada rejeição”. Tendo eles feito isso com sua consciência, naufragaram na fé. Agindo de modo contrário ao deles, seria precisamente preservando uma boa consciência que Timóteo teria como manter a fé. Assim acham-se bem ligados entre si: a crença e o comportamento; a convicção e a consciência; e o que é intelectual e o que é moral. Por isso “se não levamos em conta a voz do consciência, permitindo que o pecado permaneça não confessado e não perdoado, a nossa fé não terá vida longa”. “Todo aquele cuja consciência tenha sido tão manipulada a ponto de torar-se insensível acha-se em grande perigo, totalmente aberto aos

enganos do diabo (4:1-2).”

Infelizmente conheço Obreiros Cristãos que foram homens fiéis no seu ministério e de boa conduta cristã, mas por se tornarem obstinados e endurecidos pelo engano do pecado em suas vidas, desviaram-se da verdade perdendo a boa consciência daquilo que é a verdade em Cristo, abandonaram a fé que um dia acreditavam e lutavam por ela.

Podemos perder a fé e boa consciência por vários motivos: falsos ensinamentos, o materialismo, Ocupação demasiada com as coisas desse mundo, relacionamentos ilícitos, vícios, falta de tempo para estarmos em comunhão com irmãos na fé, falta de leitura Bíblica e Oração, pecados ocultos, etc...

Um dos grandes erros hoje, é que as pregações da palavra de Deus nos púlpitos das igrejas, não estão sendo acompanhada pela fé por aqueles que a ouvem, a razão disso é porque as mensagens estão sendo formalizadas ao ponto que os ouvintes não estão sendo confrontados, mas confortados quando a ouvem, não importando a circunstância que estão vivendo.

Há uma grande necessidade de voltarmos a fé e a boa consciência, estamos permitindo um cristianismo terreno e medíocre, sem fé e com muita hipocrisia, muitos cristãos professam conhecer a Deus, entretanto o negam por suas obras. Lembremos das Palavras de Jesus: “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.”

Como alguém já disse: “Não é maneira como começamos a vida cristã que importa, mas sim como vamos acabar!” Por isso tenho comigo que o tempo dirá, quem realmente somos, não importa o tempo da vida Cristã, precisamos manter a fé e a boa consciência até o fim! Assim como os heróis da fé, Hebreus 11:13 “Todos morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.”

A fé é apresentada como combustível da perseverança final, é o que nos mantém no caminho, com uma consciência que não nos acusa.

Cristo é a vida de fé!



IRMÃOS DA CPLP UNIDOS
4º ENCONTRO DA I.I.CPLP - IGREJA DOS
IRMÃOS DE COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA
PORTUGUESA

De 22 a 26 de
Julho de 2020

SÃO TOMÉ – REPÚBLICA DEMOCRÁTICA
DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Tema: A OBRA AINDA
NÃO ESTÁ TERMINADA

“...Eu porém vos digo:
 Erguei os olhos e vedes os campos...”
 João 4:34-35

“Não há nada no mundo ou na Igreja que torne impossível terminar de evangelizar o mundo ainda nesta geração, a não ser a desobediência da própria igreja.”
 Roberto Speer